

Modo: o caso do Karitiana

Ana Müller (USP)¹
Luiz Fernando Ferreira (USP)²

RESUMO

Este artigo descreve a expressão do modo em uma língua nativa brasileira – o Karitiana (Tupi). Abordaremos duas questões gerais: (i) qual seria a definição adequada para a categoria gramatical de modo; e (ii) como essa categoria é marcada pelas línguas humanas. Também tentamos responder à questão específica sobre a semântica dos morfemas chamados de modo por Storto (2002) na língua Karitiana. A definição de modo explícita ou implícita nas gramáticas tradicionais e em muitos trabalhos em Linguística combina muitas vezes dois conceitos distintos: (i) modo enquanto marca gramatical de atos de fala (BYBEE, 1985; FOLEY e VAN VALIN, 1984); e (ii) modo enquanto marca gramatical de modalidade (PALMER, 2001). Com base em dados da língua Karitiana, neste artigo, apoiamos a tese de Portner (2011) de que existem duas de categorias gramaticais distintas, às quais chamamos de modo ilocucional e de modo modal. Argumentamos da importância desta distinção. Storto (1999; 2002) afirma que a língua Karitiana possui seis morfemas de modo: declarativo; assertivo; imperativo; condicional; deôntico; e citativo. A análise da autora baseia-se principalmente na morfossintaxe do complexo verbal na língua Karitiana. Defendemos que tanto o modo modal quanto o modo ilocucional ocorrem como flexão verbal na língua Karitiana. Os dados em que baseamos nossa análise foram coletados através de duas metodologias de trabalho de campo: ocorrência em narrativas; e elicitação contextualizada (MATTHEWSON, 2004; SANCHEZ-MENDES, 2014).

Palavras-chave: *Modo; Modalidade; Línguas Indígenas.*

ABSTRACT

This article describes the mood expression in a native Brazilian language – Karitiana (Tupi). We tackle two general questions: (i) what would an adequate definition for the grammatical category of mood be; and (ii) how this category is marked in human languages. We also try to answer a specific question regarding

¹ Departamento de Linguística, USP, Professora Associada-2, anamuler@usp.br, orcid.org/0000-0002-1022-8602. Financiamentos: FAPESP (auxílio pesquisa #2018/17029-5) e CNPq (bolsa PQ #312816/2017-0).

² Departamento de Linguística, USP, Doutorando, luiz.ferreira@usp.br, <http://orcid.org/0000-0001-7120-0171>. Financiamentos: CNPq (Bolsa de Doutorado #142209/2017-1) e CAPES (Doutorado Sanduíche #88887.370125/2019-00).

the semantics of Karitiana morphemes called mood morphemes by Storto (2002). The definition of mood in traditional grammars and in many linguistics papers combine, implicitly or explicitly, two distinct concepts: (i) mood as a grammatical marking of speech acts (BYBEE, 1985; FOLEY e VAN VALIN, 1984); and (ii) mood as a grammatical marking of modality (PALMER, 2001). Based on data from Karitiana, in this article, we support Portner's proposal (PORTNER, 2011) that there are two distinct categories which have been traditionally called mood. We call them illocutionary mood and 'modal' mood. We argue for the importance of distinguishing the two concepts. Storto (1999; 2002) claims that Karitiana has six mood morphemes: declarative; assertive; imperative; conditional; deontic; and quotative. Her analysis is based on the morphosyntax of Karitiana's verbal complex, since all these morphemes occupy the second position inside this complex, except for the morpheme classified as imperative mood by the author. We claim that both modal mood and illocutional mood occur as a verbal inflection in Karitiana. Our data has been collected by making use of two methodological procedures: collection of data from existing narratives; and contextualized data elicitation (MATTHEWSON, 2004; SANCHEZ-MENDES, 2014).

Keywords: *Mood; Modality; Indigenous Languages.*

Introdução³

47

Este artigo enfoca a categoria de modo e sua relação com as estruturas morfossintáticas em uma língua nativa brasileira – o Karitiana (Tupi). Enfrentamos duas questões gerais, quais sejam: (i) qual seria a definição adequada para a categoria gramatical de modo; e (ii) como essa categoria é marcada pelas línguas humanas. Dentro destas questões gerais, tentamos responder à questão específica de qual seria a semântica dos morfemas chamados de modo por Storto (2002) na língua Karitiana. Sabemos que várias línguas como, por exemplo, o português, o espanhol, o grego, o alemão e o somali, possuem flexões morfológicas que são tradicionalmente chamadas de *modo* tanto por gramáticos, como por linguistas. O português, por exemplo, possui os chamados modos indicativo, subjuntivo e imperativo.

³ Primeiramente, os autores agradecem aos consultores Karitiana que participaram das elicitações de dados. Gostaríamos de agradecer também aos professores Marcelo Ferreira e Luciana Storto com quem esse trabalho foi previamente discutido e cujos comentários contribuíram muito para o amadurecimento dessa pesquisa. Agradecemos também ao público do GTTG da ANPOLL em Boa Vista, evento no qual este trabalho foi apresentado, pelas sugestões e comentários adicionais. Por fim, agradecemos aos dois revisores anônimos deste artigo que contribuíram com diversos comentários valiosos. Obviamente, eventuais erros presentes neste artigo são de responsabilidade dos autores.

Neste artigo, veremos que a definição de modo explícita ou implícita nas gramáticas tradicionais e em muitos trabalhos em Linguística combina muitas vezes dois conceitos distintos: (i) modo enquanto marca gramatical de atos de fala; e (ii) modo enquanto marca gramatical de modalidade. Sabemos que as línguas possuem estruturas sentenciais, flexões ou itens lexicais que marcam convencionalmente tipos de atos de fala, como declarações, perguntas e ordens (BYBEE, 1985; FOLEY e VAN VALIN, 1984). Por outro lado, também sabemos que as línguas possuem itens lexicais, estruturas sentenciais ou mesmo flexões que marcam convencionalmente tipos de modalidade, como distinções entre *realis* vs. *irrealis*; ou entre modalidade epistêmica vs. deôntica vs. bulética, entre outras possíveis (PALMER, 2001). Com base em dados da língua Karitiana, neste artigo, apoiamos a tese de Portner (2011) de que existem duas categorias gramaticais distintas que são tradicionalmente chamadas de ‘modo’, às quais chamaremos de modo ilocucional e de modo *modal*. Argumentamos pela importância desta distinção. Defendemos também que as duas categorias ocorrem como flexão verbal na língua Karitiana.

Storto (1999; 2002) afirma que a língua Karitiana possui seis morfemas de modo: declarativo; assertivo; imperativo; condicional; deôntico; e citativo. A análise da autora baseia-se principalmente na morfossintaxe do complexo verbal na língua Karitiana – todos esses morfemas ocupam a segunda posição dentro desse complexo, exceto o morfema classificado como de modo imperativo pela autora. O morfema *-naka-*, na sentença (1), exemplifica o tipo de morfema classificado como morfema de modo por Storto (1999; 2002). Neste artigo, confrontamos a classificação de Storto (2002) com as definições de Portner (2011) e concluímos que o Karitiana possui os dois tipos de modo.

48

(1) Ówã Ø-naka-m-’a-t gooj
criança 3-DECL-CAUS-COP-NFUT canoa⁴
'Crianças constroem canoas.'

Os dados em que baseamos nossa análise foram coletados por pesquisadores distintos e envolvem principalmente duas metodologias de trabalho de campo: ocorrência em narrativas; e elicitação contextualizada. Sua fonte é citada em cada caso, exceto no caso de o dado haver sido coletado pelos próprios autores. A elicitação dos dados por parte dos autores do artigo foi sempre contextualizada e envolveu as seguintes etapas: (i) consulta aos corpora já disponíveis; (ii) tradução contextualizada do português para o Karitiana; e (iii) verificação contextualizada de sentenças em Karitiana criadas

⁴ Os dados do Karitiana foram coletados pelos autores, salvo os explicitamente marcados como de outros pesquisadores. As abreviaturas utilizadas são: ASP: aspecto; CAUS: causativo; CFT: contrafactual; COP: cópula; DECL: declarativo; DEO: deôntico; DES: desiderativo; EV: evidencial; FUT: futuro; IMP: imperativo; IMPF: imperfeito; INTER: interrogação; NEG: negação; NFUT: não-futuro; OBL: oblíquo; PROSP: prospectivo; Q.NEG: questão negativa; SG: singular; VE: vogal epentética.

pelos pesquisadores. Para uma descrição e uma justificativa mais completa da metodologia utilizada na elição de dados do Karitiana remetemos a Matthewson (2004) e Sanchez-Mendes (2014). A parte teórica do artigo envolve, como usual na linguística teórica, discussão e análise dos fatos relevantes de acordo com as teorias assumidas.

O artigo segue a seguinte estrutura. Na seção 2, discutimos a definição da categoria modo nos estudos linguísticos e gramaticais. Em 2.1, apresentamos o conceito de modo ilocucional; em 2.2, apresentamos o conceito de modo modal; e em 2.3, discutimos a possibilidade de que os dois conceitos possuam uma intersecção. A seção 3 apresenta os aspectos relevantes da língua Karitiana e, mais especificamente, seu complexo verbal. A seguir, a seção 4 discute e analisa o fenômeno do modo em Karitiana. Em 4.1. analisamos a expressão do modo ilocucional na língua e, em 4.2, a expressão do modo modal. A seção 4.3 discute outras estruturas sentenciais frequentes do Karitiana. Finalmente, apresentamos nossas conclusões na seção 5.

2. O que é modo?

Nesta seção, discutimos a noção de modo e apresentamos o pano de fundo teórico que embasa as noções de modo que usamos neste artigo. Nosso artigo toma o trabalho de Portner (2011) como seu ponto de partida teórico. O autor aponta que as definições de modo variam e, muitas vezes, abarcam propriedades gramaticais distintas: (i) morfemas que marcam tipos de modalidades – ao que chamaremos de *modo modal*; (ii) morfemas que marcam atos de fala convencionais – ao que chamaremos de *modo ilocucional*.⁵ Ambos os conceitos serão definidos nas próximas seções.

49

2.1 Modo ilocucional

O objetivo desta seção é apresentar o conceito de modo sentencial, a que chamamos neste trabalho de modo ilocucional. Citamos algumas definições de modo sentencial/ilocucional encontradas na literatura:

Modo sentencial é a contraparte semântica da oposição entre tipos de sentenças. Assim temos o modo declarativo, o modo interrogativo e o modo imperativo, entre outros. Esse conceito de modo tem raízes na filosofia da linguagem e muitos linguistas que utilizam o termo *modo* desta maneira desenvolvem a perspectiva dos atos de fala⁶ (Portner, 2011, p. 1263).

5 Os termos *modo modal* e *modo ilocucional* foram cunhados por nós.

6 No original: “Sentence mood is the semantic side of the opposition among clause types. Thus, we have declarative mood, interrogative mood, and imperative mood, among others.

Mudanças na morfologia verbal associadas aos diferentes tipos de funções sociais ou **atos de fala** (grifo do autor) que o falante intenciona. Por exemplo, um falante pode querer expressar uma sentença como uma asserção, uma questão, um comando ou um desejo [...]. Algumas línguas marcam essa informação através de formas verbais específicas: por exemplo, algumas línguas possuem conjugações verbais especiais de **optativo** (grifo do autor) para expressar desejos [...]. Tais formas verbais especiais para atos de fala são frequentemente chamadas modos: o exemplo acima estaria então no modo optativo, e em algumas línguas se contrastaria com o modo imperativo (para comandos), com o modo interrogativo (para perguntas) ou com o modo declarativo (para asserções)⁷ (Saeed, 2009, p. 144).

Segundo essas definições uma das maneiras de se marcar gramaticalmente atos de fala é através de flexões verbais. Como vimos, modos sentenciais/ilocucionais estão vinculados a tipos de sentença. Assim, podemos assumir o seguinte critério para investigarmos os morfemas citados na Introdução: *se é morfologia verbal e está relacionada a atos de fala, então é modo ilocacional*.

Passamos agora a definir tipos sentenciais enquanto estruturas/morfologias que correspondem a atos de fala:

Os falantes de qualquer língua podem realizar um grande número de tarefas comunicativas com as sentenças de sua língua: eles podem começar uma conversa, mandar alguém fazer algo, narrar um conto, pedir informações, prometer fazer algo em um tempo futuro, relatar o que eles sabem ou ouviram, expressar surpresa ou consternação com o que ocorreu com eles, sugerir uma ação em conjunto, dar permissão para alguém fazer algo, fazer uma aposta, oferecer algo a alguém e assim sucessivamente. Para alguns desses usos de sentenças a língua possui construções sintáticas específicas, ou mesmo formas específicas, reservada para apenas esses usos – partículas específicas, afixos, ordem das palavras, entonação, elementos inexistentes, ou até alternância fonológica (ou vários desses simultaneamente) [...]. Tal coincidência entre

This concept of mood has roots in philosophy of language, and many linguistics who use the term 'mood' in this way develop the perspective of speech act theory."

7 No original: "Changes in verbal morphology associated with the different social functions or **speech acts** that a speaker may intend. For example, a speaker may intend a sentence as a statement, a question, a command or a wish. [...]. Some languages mark this information by particular verb forms: for example, some languages have special **optative** verb conjugations to express wishes [...]. Such special speech act verbal forms are often called moods: the example above would therefore be in the optative mood, and in some languages, this would contrast with an imperative mood (for commands), an interrogative mood (for questions) or a declarative mood (for statements)."

Como pode ser observado na definição acima, tipos sentenciais são estruturas ou flexões gramaticais especializadas em realizar certas funções comunicativas. Observe abaixo os dados em (2), provenientes do inglês. Essas sentenças são utilizadas convencionalmente para declarar algo (2a), questionar algo (2b) e para ordenar algo (2c). Esses usos especializados, que estão relacionados a características gramaticais específicas (e.g. diferentes prosódias, presença ou ausência de verbo auxiliar, conjugação verbal, entoação, etc.), definem tipos sentenciais.

(2) a. John shut the door. (Palmer, 1986, p. 23)
'John fechou a porta.'

b. Did John shut the door? (Palmer, 1986, p. 23)
'John fechou a porta?'

c. Shut the door, John! (Palmer, 1986, p. 23)
'Feche a porta, John!'

Assim, tipos sentenciais são definidos por uma correspondência entre forma gramatical e uso específico. Esses usos (declarar, perguntar, ordenar) correspondem os atos de fala (Austin, 1975; Searle, 1965; 1968). Sadock & Zwicky (1985) afirmam que tipos sentenciais formam um sistema. Nesse sistema sentenças pertencem a grupos. Cada grupo é caracterizado pelo uso e pelos aspectos gramaticais das sentenças que o compõe. Por exemplo, o grupo das interrogativas é caracterizado pelo ato de fala de perguntar algo e por certas características gramaticais como a presença de um verbo antes do sujeito, no caso do inglês. Uma característica relevante desses sistemas é que esses grupos de sentenças são mutualmente excludentes, ou seja, uma sentença não pode pertencer a dois grupos ao mesmo tempo. Por exemplo, não existe uma construção sentencial que seja simultaneamente declarativa e interrogativa. Consequentemente, morfemas que marcam tipos sentenciais distintos não podem coocorrer.

51

⁸ The speakers of any language can accomplish a great many communicative tasks with the sentences of their language: they can start a conversation, order someone to do something, narrate a tale, ask for information, promise to do something at some future time, report what they know or have heard, express surprise or dismay at what is going on about them, suggest a joint action, give permission for someone to do something, make a bet, offer something to someone, and so on. For some of these uses of sentences a language will have specific syntactic constructions, or even specific *forms*, reserved for just these uses special particles, affixes, word order, intonations, missing elements, or even phonological alterations (or several of these in concert) [...]. Such a coincidence of grammatical structure and conventional conversational use we call a SENTENCE TYPE."

O correlato semântico dos tipos sentenciais é a sua força ilocucionária. Sentenças são compostas por um conteúdo proposicional e por uma força ilocucionária (Chierchia & McConnel-Ginet 1990). Observe que, nos dados (2a-c) acima, o conteúdo proposicional é o mesmo ('John fechar a porta'), mas a força ilocucionária é diferente em cada um dos casos. Segundo Chierchia & McConnel-Ginet (1990), as forças ilocucionárias de sentenças declarativas, interrogativas e imperativas podem ser identificadas a expressões como *declarar que*, *perguntar se* e *ordenar que*. A partir do conceito de tipos de sentenças visto neste capítulo, podemos redefinir o critério para investigarmos os morfemas classificados como modo por Storto (2002): *se é morfologia verbal e está relacionada à força ilocucionária de uma sentença, então é um modo ilocacional*.

Em groenlandês, por exemplo, o morfema *-oq* marca as sentenças como pertencentes ao grupo das declarativas na língua (3a-b). Já o morfema *-va* marca as sentenças como pertencentes ao grupo das interrogativas na língua. Trata-se, portanto, de morfemas de modo ilocacional. Por estarem vinculados a um ato de fala determinado, esses morfemas não aparecerão em nenhum dos outros tipos de sentença na língua.

(3) GROELANDÊS

a. Igav-oq
cozinhar-IND-3-SG
'Ele cozinha.'

52

b. Iga-va?
eCozinhar-Q-3-SG (SAEED, 2009)
'Ele cozinha?'

Uma questão relevante é se modo verbal e modo sentencial são sempre distintos. Essa questão será abordada na próxima subseção.

2.2 Modo Modal

Esta seção discute o que entendemos por modo modal, chamado de modo verbal por Portner (2011). Modo modal é a marcação gramatical de distinções de modalidade no sistema verbal. A modalidade é tradicionalmente definida como a atitude ou a opinião do falante sobre a proposição que ele expressa (NEVES, 2002). Dentro desta perspectiva, a modalidade reflete o julgamento do falante sobre a possibilidade de sua proposição ser verdadeira (QUIRK et al., 1985). Assim, o caráter da modalidade seria eminentemente subjetivo.

Por outro lado, segundo o paradigma da Semântica Formal, modalidade é a expressão da possibilidade ou da necessidade de uma

proposição ser verdadeira (VON FINTEL, 2006). Trata-se de quantificação sobre mundos possíveis. Essa concepção pode ser ilustrada através das paráfrases apresentadas para as sentenças em (4a-b) e (5a-b). A quantificação sobre mundos é feita pelos operadores *todos* (*necessariamente*) e *algum(s)* (*possivelmente*) usados nas paráfrases. Em (4-5), temos casos de modalidade epistêmica, que se referem aos nossos conhecimentos sobre os fatos.

(4) Tem de estar chovendo.

- ‘Necessariamente está chovendo’.
- ‘Em todos os mundos compatíveis com as evidências, está chovendo’.

(5) Pode estar chovendo.

- ‘Há alguma possibilidade que esteja chovendo’.
- ‘Em alguns dos mundos compatíveis com as evidências, está chovendo’.

Passamos a apresentar o que dizem alguns autores que investigaram o modo modal:

[Modo] É a diferença entre sentenças marcadas pelas formas verbais indicativas ou subjuntivas em línguas que são tradicionalmente descritas como possuindo essa oposição (e.g., alemão e italiano), bem como as formas que estão no mesmo paradigma que o indicativo e o subjuntivo (e.g., optativo), e a mesma diferença ou uma diferença muito semelhante em outras línguas. [...]

53

Modo Verbal é a distinção de forma entre sentenças baseada na presença, ausência ou no tipo de modalidade dentro do contexto gramatical no qual elas ocorrem. (PORTNER, 2011, p. 1262)⁹.

[...]Vimos distinções na modalidade em inglês sendo marcadas através de vários meios incluindo advérbios e verbos modais. Quando tais distinções são marcadas através de terminações verbais que formam conjugações verbais distintas, há uma tradição gramatical de chamá-las **modos** (grifo do autor) (SAEED, 2009, p. 141-142)¹⁰.

⁹ No original: “It is the difference between clauses which is marked by indicative or subjunctive verb forms in languages which are traditionally described as having an opposition between such forms (e.g., German and Italian), as well as forms taken to be in the same paradigm as indicative and subjunctive (e.g., optative), and the same or very similar differences in other languages[...]. Verbal mood is the distinction in form among clauses based on the presence, absence or type of modality in the grammatical context in which they occur.”

¹⁰ No original: “We have seen modality distinctions in English being marked by various means including adverbs and modal verbs. When such distinctions are marked by verb endings which form distinct conjugations, there is a grammatical tradition of calling these **moods**.”

[...] Pode ser útil fazer uma distinção clara entre ‘modo’ e ‘modalidade’. Em línguas como o Latim e em muitas línguas europeias modernas, com os seus modos indicativo e subjuntivo, essa distinção pode ser feita em termos de características formais versus as categorias semânticas tipologicamente relevantes da qual eles são expoentes. A distinção entre modo e modalidade é então semelhante àquela observada entre tempo gramatical e tempo (PALMER, 2001)¹¹.

Desta forma, vamos adotar a seguinte definição de modo modal – flexões verbais correlacionadas à expressão de modalidade. Como aponta Palmer (2001), o modo (modal) codifica gramaticalmente a categoria nocional de modalidade, da mesma forma que o tempo gramatical codifica gramaticalmente a categoria nocional de tempo. A partir desta definição podemos estabelecer um critério semântico claro para a identificação de um morfema como morfema de modo modal – *se é morfologia verbal e expressa modalidade, então temos uma flexão de modo modal.*

Ilustramos este conceito através da tradicional distinção entre o modo indicativo no português (7), muitas vezes tratado como modo *realis*, por expressar fatos reais; e o modo subjuntivo (6), muitas vezes tratado como modo *irrealis*, por expressar situações que não correspondem necessariamente aos fatos. A sentença (6) expressa modalidade bulética. Fala de situações ou mundos compatíveis com os desejos de Pedro, mundos esses que não são necessariamente compatíveis com o mundo real, como se pode ver pelas paráfrases (6a-b). Já a sentença (7) expressa modalidade epistêmica, ou seja, fala de mundos compatíveis com o mundo real, o que pode ser percebido através das paráfrases em (7a-b).

54

(6) Pedro quer que Maria sejasubj feliz.	<i>IRREALIS</i>
a. ‘Pedro quer que necessariamente Maria seja feliz’.	
b. ‘Nos mundos de acordo com os desejos de Pedro, Maria é feliz’.	
(7) Pedro viu que Maria plantouind a árvore.	<i>REALIS</i>
a. ‘Pedro percebeu que necessariamente Maria plantou uma árvore’.	
b. ‘Nos mundos de acordo com as evidências de Pedro, Maria plantou uma árvore’.	

A seguir, comparamos os dois tipos de modos.

11 No original: “[...] it might be useful to draw a clear distinction between ‘mood’ and ‘modality’. In languages such as Latin and many modern European languages, with their indicative and subjunctive moods, the distinction can indeed be handled in terms of the formal features versus the typologically relevant semantic categories of which they are the exponents. The distinction between mood and modality is then similar to that between tense and time.”

2.3 Modo ilocacional vs. modo modal

Vimos que existem dois tipos de fenômenos aos quais a literatura chama de modo: tipos sentenciais ou morfemas que expressam convencionalmente um ato ilocacional e formas linguísticas que expressam modalidade. Observe que, por exemplo, todas as sentenças em (8a-c) expressam declarações/asserções. No entanto, as modalidades expressas são distintas. A sentença (8a) descreve uma obrigação e expressa, portanto, modalidade deôntica. Já a sentença (8b) expressa, seja uma capacidade – Maria tem a capacidade de sair (porque está perto da porta, p.ex.) –, seja uma permissão – é permitido que Maria saia. No primeiro caso, temos um exemplo de modalidade epistêmica, e no segundo caso, um exemplo de modalidade deôntica. Finalmente, a sentença (c) expressa um desejo de Maria. Temos, portanto, uma expressão de modalidade bulética.

(8)	a. Maria tem que sair.	MODALIDADE DEÔNTICA
	b. Maria pode sair.	MODALIDADE EPISTÊMICA/DEÔNTICA
	c. Maria quer sair.	MODALIDADE BULÉTICA

Por outro lado, há casos em que os dois tipos de modo confluem. Temos que o tipo sentencial imperativo, por exemplo, expressa convencionalmente um comando. Esse comando, normalmente, implica em modalidade deôntica, pois diz sobre obrigações, como ilustrado pela sentença (9).

(9) Não fume aqui!

55

Nesta seção, apresentamos a distinção entre modo de ilocacional – flexão verbal que marca atos de fala – e modo modal – flexão verbal que marca a presença de modalidade. A seguir, apresentamos as características relevantes da língua Karitiana.

3. A língua Karitiana

Nesta seção apresentamos algumas das características básicas da língua Karitiana para que o leitor tenha uma ideia geral do funcionamento da língua e ao mesmo tempo possa acompanhar os exemplos discutidos. Karitiana é uma língua nativa brasileira, da família Arikém e do tronco Tupi. É falada por cerca de 400 Karitianas. A Reserva Karitiana situa-se a aproximadamente 100 km de Porto Velho, Rondônia. Os falantes que vivem na reserva têm o Karitiana como sua primeira língua e adquirem o português na escola da aldeia e em interações com falantes do português quando vão à cidade.

Karitiana tem a ordem complemento-núcleo como sua ordem básica. Em sentenças matrizas afirmativas o verbo ocupa canonicamente a segunda posição, como em (10). Em orações subordinadas, o verbo ocupa a posição final (11). Observe que a oração subordinada em (11) antecede o verbo do qual é o objeto direto, ilustrando assim a ordem canônica de complemento-núcleo na língua.

(10) tasó Ø-naka-’y-t boroja
 homem 3-DECL-comer- NFUT cobra
 ‘O/um/algum(s) homem(s) comeu/comeram o/um/alguma(s) cobra(s).’

(11) tasó õwã mangat-a-ty y-ta-pyting-Ø yn
 homem criança levantar<VE>OBL 1.SG-DECL-querer-NFUT eu
 ‘Eu quero que o/um/algum(s) homen(s) levante(m) a(s)/uma/algumas
 criança(s).’

Sentenças matrizas afirmativas são morfologicamente marcadas para tempo futuro ou não futuro. Essa morfologia pode estar sufixada ao verbo, a auxiliares aspectuais ou a marcadores evidenciais. A Tabela 1, a seguir, apresenta os morfemas temporais da língua para as sentenças declarativas e assertivas¹².

Tabela 1: Sufixos temporais na língua Karitiana

	TEMPO			
MORFEMA	Futuro		Não futuro	
	Precedido de		Precedido de	
	Consoante	Vogal	Consoante	Vogal
Declarativo	-i	-j	Ø	-t
Assertivo	-i	-j	-n	-n

O verbo em orações matrizas afirmativas e interrogativas é flexionado para pessoa. Os prefixos de pessoa concordam com o argumento externo no caso de verbos intransitivos ou com o argumento interno no caso de verbos transitivos (Storto, 2002). Estão descritos na Tabela 2 abaixo:

Tabela 2: Prefixos de pessoa na língua Karitiana

Primeira pessoa singular	y-
Segunda pessoa singular	a-
Primeira pessoa inclusive	yj-
Primeira pessoa exclusive	yta-
Segunda pessoa plural	aj-
Terceira pessoa	Ø

12 Estamos aqui seguindo Storto (2002) que classifica os morfemas *-naka-* e *-pyr-* como expressões dos modos declarativo e assertivo.

Nas sentenças (12a-b), temos um exemplo de sentença declarativa com verbo intransitivo em Karitiana, sem auxiliares aspectuais ou marcadores evidenciais, nos tempos não futuro e futuro, respectivamente. Verbos intransitivos indiretos concordam com seu sujeito.

(12) a. Y-ta-pykyn-<a>-t yn.
1S-DECL-correr-NFUT eu
'Eu corri.'/ 'Eu corro.'

b. Y-ta-pykyn-<a>-j yn.
1S-DECL-correr-FUT eu
'Eu vou correr.'

Já nas sentenças (13a-b), temos um verbo transitivo direto e, nesse caso, a concordância se dá com o objeto.

(13) a. an Ø-naka-y-t opok.ako.syp
você 3-DECL-comer-NFUT ovo de galinha
'Você comeu ovo.'/ 'Você come ovo.'

b. an Ø-naka-'y-j opokakosyp
você 3-DECL-comer-FUT ovo de galinha
'Você vai comer ovo.'

O complexo verbal do Karitiana é rico em morfologia gramatical e pode ser marcado, além de para pessoa, para modo modal e ilocucional, aspecto, tempo e evidencialidade. Apresentamos sua estrutura morfossintática em (14) e a ilustramos através das sentenças (15-16). A sentença (15) ilustra as flexões presentes em um sintagma verbal simples, sem morfologia de modo modal. A sentença (16) ilustra a ocorrência de auxiliares aspectuais e de evidenciais. Nesses casos, o tempo pode estar marcado em todos os constituintes do complexo verbal ou, opcionalmente, apenas no último constituinte.

57

(14) Ordenação da morfologia do complexo verbal em Karitiana:
pessoa-modo.ilocucional-modo.modal-verbo-aspecto1-tempo aspecto2-tempo evidencial-tempo

(15) sypom-t otidna y-ta-yryt-oko-j yn
dois-OBL lua 1-DECL-chegar-ASP1-FUT eu
'Em dois meses eu volto novamente.' (STORTO, 2002)

(16) Taso Ø-naka-m-’a-t tyka-t sary-t gooj¹³
 Homem 3-DECL-CAUS-SER-NFUT IMPF-NFUT EV-NFUT canoa
 ‘O homem está fazendo canoa (disseram).’ (ALEXANDRE, 2016, p. 78)

As denotações dos Sintagmas Nominais (SNs) em Karitiana são sempre cumulativas, ou seja, incluem tanto entidades singulares como plurais. Os SNs *taso* e *gooj* em (16) podem ser interpretados tanto como definidos ou indefinidos, singulares ou plurais (MÜLLER, STORTO e COUTINHO-SILVA, 2006). Além disso, os SNs em Karitiana sempre ocorrem nus. Nessa língua não ocorrem itens lexicais funcionais abertos no sistema nominal. A língua não possui artigos, quantificadores nominais do tipo *cada* e *todo*, classificadores ou morfologia de gênero e número em seu SN.

Uma vez apresentadas as características da gramática do Karitiana que são relevantes para este projeto, passamos a discutir a semântica do modo em Karitiana.

4. Reanálise do sistema de modo proposto por Storto (2002)

Nesta seção, trataremos dos morfemas classificados como flexões de modo por Storto (2002). Segundo a autora, Karitiana possui os seguintes morfemas de modo: (i) declarativo; (ii) assertivo; (iii) citativo; (iv) condicional; (v) deôntico; e (vi) imperativo. A classificação da autora está apresentada na Tabela 3, organizada segundo sua classificação, o afixo que o realiza e sua interpretação. Em (17-22), ilustramos cada um desses morfemas (marcados em negrito). Observe-se que esses morfemas ocorrem apenas em sentenças matriz.

58

CLASSIFICAÇÃO STORTO (2002)	AFIXOS	INTERPRETAÇÃO
Declarativo	-na/ta(ka)-RAIZ	ASSERÇÃO
Assertivo	-pyt-RAIZ	ASSERÇÃO
Citativo	-iri-RAIZ	CITAÇÕES
Imperativo	-RAIZ-/a	COMANDO
Condicional	-jy-RAIZ	CONTRAFACTUALIDADE
Deôntico	-pyn-RAIZ	OBRIGAÇÃO

(17) DECLARATIVO – ‘NAKA’
 taso Ø-naka-’y-t amhip him aka
 homem 3-DECL-comer-NFUT cozida carne COP
 ‘O homem comeu carne que estava cozida’

13 O morfema causativo *-m-* combinado à copula *à* resulta no significado de *fazer/constuir* (‘causar ser’).

A classificação dos modos realizada por Storto (2002) está implicitamente apoiada em critérios morfossintáticos e semântico-pragmáticos. Os critérios morfossintáticos parecem ser: (i) a posição do morfema – entre a flexão de pessoa e a raiz verbal (exceto para o modo imperativo) –; (ii) a presença vs. a ausência de morfema nesta posição. Os critérios semântico-pragmáticos dizem respeito à (i) força ilocucional convencional da sentença – se temos uma asserção, uma pergunta, uma citação ou um comando –; (ii) se temos expressão de modalidade.

As sentenças matrizes não marcadas para os morfemas listados na Tabela 3 acima são chamadas de não declarativas pela autora. São elas: (i) sentenças interrogativas; (ii) sentenças negativas; e (iii) sentenças subordinadas¹⁴. As sentenças chamadas de não declarativas, incluindo as subordinadas, estão ilustradas em (23-25) abaixo. Observe que em nenhuma delas ocorre um morfema entre a marca de pessoa e a raiz verbal. Como se

14 Essa listagem apresenta os principais tipos de sentenças matrizes que podem ocorrer sem os morfemas chamados de modo por Storto (2002). Vamos deixar de lado o chamado modo citativo direto, por não haver dados disponíveis para qualquer análise e porque não conseguimos elicitá-lo. Existem também alguns outros tipos menos frequentes, ainda pouco compreendidos, que não serão discutidos neste trabalho.

trata de diferentes tipos de sentenças, a autora não postula para esses casos a presença de um morfema nulo que marque modo.

(23) NEGATIVA
i-pykyn-i padn-i ombaky.
3-correr-NEG não-NEG onça
'A onça não fugiu'

(24) INTERROGATIVA
mora-mon a-ti-m'a tyja-t (hy)?
WH-COP 2.SG-O.FOC-CAUS-COP PROG-NFUT Q
'O que você está fazendo?' (LANDIN, 1984)

(25) SUBORDINADA
Ana Ø-na-aka-t i-soot-Ø João tata-ty
Ana 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ABS João sair-OBL
'Ana viu que o João saiu'

Como se pode perceber, para delimitar a categoria modo, a autora se baseia em critérios que não necessariamente delimitam uma mesma categoria sintática, semântica ou mesmo pragmática. Apoiando-nos em Ferreira (2017a; 2017b), vamos reanalisar a proposta de Storto (2002) para o sistema de modo da língua Karitiana a partir de dois conceitos distintos já apresentados na seção 2: (i) modo enquanto marca gramatical de força ilocucional – 'modo ilocucional' –; e (ii) modo enquanto marca de modalidade – 'modo modal'.

60

4.1 Modo modal em Karitiana

Com base nessa distinção, temos que os morfemas dos modos condicional e deôntico não marcam a força ilocucionária de uma sentença, mas sim um tipo de modalidade, pois, como veremos, dizem-nos sobre a possibilidade ou a necessidade de uma situação mediante certas condições. Trata-se, portanto, de modos modais.

O modo deôntico indica obrigação. O falante expressa a necessidade de que a proposição denotada pela sentença se realize. Esse modo é ilustrado pelas sentenças (26-27). Na sentença (26), o falante expressa algo que poderia ser parafraseado como: *é uma obrigação as pessoas irem embora* ou de maneira mais técnica: *em todos os mundos em que se cumprem as tradições, as pessoas vão*. Já a sentença (27) expressa que o homem tem a obrigação de mostrar a foto a Elivar, ou, em termos técnicos, *em todos os mundos em que as obrigações são cumpridas, o homem mostra a foto a Elivar*.

(26) a-pip Ø-na-pyn-hot-Ø y-’et<e>-’et
 aquilo-em 3-DECL-DEO-ir-NFUT 1SG-filho<VE>-filho
 ‘Aí, as pessoas devem ir, meu neto’

(27) Ø-pyn-m-so’ot dak-i om-ty taso Elivar
 3-DEO-caus-ver ASP-FUT imagem-OBL homem Elivar
 ‘O homem terá que mostrar a foto para Elivar’

O modo chamado de condicional por Storto (2002) é expresso pelo morfema *-jŷ-*. Trata-se, na verdade, de um morfema que marca contrafactualidade. Sentenças contrafactualas em português e em muitas outras línguas são canonicamente compostas de uma oração subordinada adverbial iniciada pela conjunção ‘se’, conjugada para o imperfeito do subjuntivo, e por uma oração principal, conjugada para o futuro do pretérito, como em (28). Essas sentenças são modais, pois afirmam que a proposição expressa pela oração principal é necessariamente verdadeira nas situações delimitadas pela oração subordinada adverbial. Assim, uma sentença como (28a) pode ser parafraseada como (28b). A paráfrase traz as características modais da sentença que são o quantificador modal ‘necessariamente’ e a delimitação explícita das situações em que a oração principal seria verdadeira. O tipo de modalidade expresso por uma sentença contrafactual irá depender das condições expressas pela sua oração subordinada. No caso da sentença (28a), temos a expressão de modalidade epistêmica porque sua verdade depende dos fatos do mundo do falante.

61

(28) a. Se eu tivesse dinheiro, daria um celular pra você.
 b. ‘Necessariamente em situações em que eu tivesse dinheiro, daria um celular a você (mas, como eu não tenho dinheiro, não darei um celular a você).’

Sentenças contrafactualas são sentenças que expressam que sua oração principal foi/é/será necessariamente verdadeira apenas em situações ou mundos distintos do mundo real, como ilustrado em (29-30). Na sentença (29), o falante expressa que não pode presentear o ouvinte com um celular no mundo da enunciação. Trata-se, assim, de uma suposição sobre outras situações/mundos possíveis nos quais o falante teria dinheiro e certamente daria um celular a seu locutor. A sentença (30) apresenta mais um caso desse tipo de sentença. Nela, o falante faz uma suposição sobre uma situação que de fato não ocorreu. A suposição expressa que, necessariamente, se o macaco passasse no local determinado, João o veria. Observe que o morfema *-jŷ-* coocorre sempre com a flexão de não futuro.

(29) dinheiro tyyt y-aki-<v>p a-ta-jy-hit-Ø celula-ty
 dinheiro ter 1.SG-COP-ALA 2.SG-DECL-CF-dar-NFUT celular-OBL
 ‘Se eu tivesse dinheiro, te daria o celular’

(30) João Ø-jy-so'oot saryt-Ø pikom-ty haka i-kokotop
 João 3-CFT-ver EV.REP-NFUT macaco-OBL aqui 3-passar
 ‘João veria o macaco, se ele passasse aqui’ (ALEXANDRE, 2016, p. 57)

Assim, as sentenças (29-30) não expressam apenas condicionalidade, mas contrafactualidade. Como vimos, sentenças contrafactualas pressupõem que suas proposições são falsas¹⁵. Sentenças condicionais não contrafactualas, por outro lado, são expressas de outra forma em Karitiana, como ilustrado por (31-32). Note que essas sentenças são flexionadas para tempo futuro e marcadas pela morfologia de declarativo. Assim, chamaremos ao modo classificado como condicional por Storto (2002), de *modo contrafactual*, pois esse termo expressa com maior precisão seu significado.

(31) kinda.sypo a-namang tykiri Ø-naka-tat-i 'ep
 coisa.semente 2SG-plantar quando 3-DECL-ir-FUT árvore
 ‘Se/quando você planta uma semente, ela vira uma árvore’ (FERREIRA, 2017a, p. 40)

(32) a-ohit tykiri a-ta-aka-j pongyp
 2.SG-pescar quando 2SG-DECL-COP-FUT quieto
 ‘Se/Quando você pesca, você fica quieto’ (FERREIRA, 2017a, p. 126)

Vemos que, no caso dos morfemas *-pyn-* e *-jy-*, estamos lidando com modos modais, uma classe específica de morfemas. A Tabela 4 abaixo recorta, para o Karitiana, os ‘modos modais’ separando-os dos outros morfemas da Tabela 3.

Tabela 4: Modos modais em Karitiana

MODO MODAL	AFIXO
1. Deôntico	<i>-pyn-</i>
Contrafactual	<i>-jy-</i>

Evidentemente, esses dois morfemas de modo modal não são os únicos recursos que o Karitiana possui para expressar modalidade. Exemplificamos outras possibilidades em (33-34) abaixo. Essas outras possibilidades não serão comentadas neste artigo e são deixadas para trabalhos futuros.

15 Ver Ferreira, 2017a, b e Ferreira & Müller (2019) sobre as sentenças contrafactualas em Karitiana.

(33) Maria Ø-na-byhipi-wak-Ø 'ip
Maria 3-DECL-cozinhar-DES-NFT peixe
'Maria quer cozinhar peixe.'

(34) Taso Ø-na-oky pydn-Ø boroja
homem 3-DECL-matar DEO-NFT cobra
'O homem tem que matar a cobra.'

A seguir, discutimos a existência de morfemas de modo ilocacional em Karitiana.

4.2 Modo ilocacional em Karitiana

Passamos agora a examinar os morfemas chamados declarativo, assertivo, citativo e imperativo por Storto (2002). Seriam eles marcadores de modo ilocacional? Lembramos que modos ilocucionais marcam força ilocucionária, ou seja, são flexões verbais ou estruturas sintáticas que marcam atos de fala. Lembramos também que atos de fala formam um sistema. Assim, cada ato ilocacional deve ser convencionalmente expresso por apenas um grupo de tipos sentenciais e cada grupo de tipos sentenciais poderá expressar convencionalmente apenas um ato de fala. Consequentemente, se encontramos uma mesma estrutura sentencial ou flexão exprimindo convencionalmente atos ilocucionais distintos, somos obrigados a concluir que essa flexão ou estrutura não marca um ato de fala.

63

Nesse ponto, é importante lembrar que nem todos os atos ilocucionais são marcados por flexões verbais. Eles podem ser marcados por algum tipo de padrão entoacional, como é o caso das perguntas em português; ou pela ordem dos constituintes em uma sentença, como é o caso das perguntas com o verbo *to be 'ser'* em inglês; entre outras possibilidades. Lembramos também que chamamos de modo ilocacional apenas às flexões verbais que marcam convencionalmente atos de fala. Assim, o fato de uma língua não marcar atos de fala através de modo ilocacional não significa que essa língua não marque atos de fala em sua gramática.

Voltemos à Tabela 3. Os morfemas classificados como de *modo declarativo*, a maneira mais frequente de se expressar asserções afirmativas na língua, e de *modo assertivo* por Storto (2002) expressam ambos a mesma força ilocucionária de realizar asserções/declarações. O morfema declarativo é composto pelos alomorfes *-na(ka)-* e *-ta(ka)-*. O primeiro é usado com a terceira pessoa e o segundo nos demais ambientes, como ilustrado pelas sentenças (35)-(36).

(35) An Ø-naka-y-j opok.ako.sypi
 Você 3-DECL-comer-FUT ovo de galinha
 ‘Você vai comer ovo.’

(36) y-taka-hot-i yn
 1.SG-DECL-sair-FUT eu
 ‘Eu vou sair.’

O modo assertivo é realizado pelo sufixo *-pyt-*, que ocorre como *py-*, *pyr-* ou *pyry*, dependendo do contexto fonológico. Esse modo está ilustrado pelas sentenças (37-38) abaixo. Segundo Storto (2002), o modo assertivo é principalmente usado como resposta afirmativa a perguntas sim/não e em introduções e conclusões de narrativas. Mais estudos são necessários para determinar com precisão a semântica desses dois morfemas.

(37) Ø-pyry-pykyn-yn ombaky.
 Ass-desaparecer-NFUT onça
 ‘As onças desapareceram.’

(38) Ø-py-se'and<a> dak-i dibm haka.
 Ass-bom<VE> ASP2-FUT amanhã aqui
 Aqui vai ficar bom amanhã.’

O chamado modo citativo é pouco compreendido. Trata-se de uma flexão verbal que, até onde sabemos, exprime a realização de uma citação direta (39) ou indireta (40). Não conseguimos reproduzi-lo em elicitações. Ele parece ocorrer apenas em narrativas. É realizado pelo sufixo *-iri-*, como ilustrado pelas sentenças (39-40). É usado sempre com o verbo flexionado para tempo futuro¹⁶.

(39) ta-soojo tata-t Ø-iri-kāra-j Botyj
 3.ANAF-esposa ir- OBL 3-CIT-pensar-FUT Botyj
 ‘Botyj pensou que sua mulher o deixara.’ (STORTO, 2002)

(40) Ø-py-se'a-yn Ø-iri-'a-j Botyj
 3-ASS-bom-NFUT 3-CIT-dizer-FUT Botyj
 ‘Botyj disse: ‘Está bom.’ (STORTO, 2002)

Segundo a definição que adotamos para modo ilocucional, os morfemas declarativo e assertivo são ambos utilizados em asserções/declarações. Pertencem, portanto, ao mesmo grupo de tipos sentenciais – o grupo que

16 Para mais detalhes sobre o modo citativo, ver Storto & Ferreira (2019).

expressa o modo declarativo¹⁷. Um terceiro tipo sentencial que realiza asserções são as sentenças declarativas negativas. Essas sentenças, entretanto, não são marcadas por nenhum desses morfemas de modo ilocacional. Da mesma forma, o morfema citativo, usado para marcar citações, também está correlacionado a um ato de fala de asserção. Assim, somos levados a concluir que os morfemas declarativo, assertivo e citativo expressam gramaticalizações do ato de fala declarativo.

Tabela 5: Modos ilocucionais em Karitiana

NOMES	AFIXOS	FORÇA ILOCUCIONAL
Declarativo	<i>-na/ta(ka)</i> -RAIZ	ASSERÇÃO
Assertivo	<i>-pyt</i> -RAIZ	ASSERÇÃO
Citativo	<i>-iri</i> -RAIZ	ASSERÇÃO

Resta-nos, finalmente, discutir o modo imperativo. Esse tipo sentencial exprime convencionalmente um ato ilocacional de comando. Sentenças imperativas foram pouco estudadas em Karitiana. Essas sentenças são formadas minimamente pelo núcleo verbal ao qual se adiciona o prefixo de pessoa, e por um morfema que alterna entre *-a* e *-*. O argumento interno do verbo pode opcionalmente estar presente, em sentenças imperativas transitivas. O sufixo *-a* ocorre quando a raiz verbal termina em consoante e *-* ocorre quando a raiz termina em vogal (FELIX, 2017). Ilustramos as sentenças imperativas do Karitiana em suas formas afirmativas (41a-42a) e negativas (41b-42b) respectivamente.

65

(41) a. VERBO INTRANSITIVO

a-pykyn-a
2s-correr-a
Corra!

b. a-pykyn-i
2s-correr-NEG
Não corra!

(42) a. VERBO TRANSITIVO

i-’y-∅
3-comer-∅
Coma!

b. i-’y-i padn-i
3-comer-NEG não-NEG
Não coma!

17 Maiores investigações serão necessárias para determinar a semântica desses morfemas.

Storto (2002), analisa os sufixos *-a/-* como sufixos que marcam o modo imperativo. Diferentemente dos morfemas declarativo, assertivo, citativo, deôntico e condicional esse morfema não é pré-verbal, mas sim, pós-verbal. Neste artigo, vamos propor que esses morfemas não marcam modo imperativo. O modo imperativo é expresso pela estrutura sentencial descrita no parágrafo anterior e não pela presença de um sufixo. Defendemos que trata-se sim de uma estrutura sentencial especializada em exprimir o ato ilocacional de comando. No entanto, esse ato ilocacional não parece ser marcado através uma flexão verbal específica. Propomos que o sufixo *-a* é apenas uma vogal epentética. Assim, segundo nossa reanálise para a proposta de Storto (2002), Karitiana não possui flexões verbais que marcam modo imperativo. Nossas razões para isso são as seguintes:

- (i) A literatura sobre tipos sentenciais/modos ilocucionais nos diz que, translinguisticamente, estruturas imperativas recorrentemente não são marcadas para modo, tempo ou aspecto (DAHL, 1985).¹⁸
- (ii) Diferentemente dos outros morfemas de modo da língua, o sufixo *-a* é pós-verbal e não pré-verbal.
- (iii) O sufixo *-a* alterna com o sufixo de negação *-i* em sentenças imperativas negativas. O sufixo de negação *-i*, por sua vez, está presente em sentenças negativas de vários tipos, não apenas nas estruturas imperativas. Não se trata, portanto, de um morfema exclusivo do imperativo. Assim, não haveria motivo para o sufixo *-a* alternar com o sufixo de negação *-i*, caso o sufixo *-a* fosse uma verdadeira marca de imperativo.
- (iv) A vogal epentética *-a* ocorre após consoantes em contextos de fronteira entre morfemas e em final de palavras em vários contextos da língua, como se pode observar nos dados em (12, 13 e 29).

Passamos, a seguir, a discutir rapidamente as estruturas sentenciais chamadas de não declarativas por Storto (2002).

4.3 As estruturas sentenciais chamadas não declarativas

Voltamo-nos agora para as estruturas sentenciais chamadas de não declarativas por Storto (2002). Essas construções incluem sentenças negativas, subordinadas, interrogativas e citações diretas.¹⁹ Observe que nenhuma delas é flexionado para a morfologia chamada de modo por Storto (2002).

Sentenças interrogativas são marcadas opcionalmente pela partícula *-hy*, que ocorre no final da sentença, como em (42) e sua estrutura e semântica são ainda pouco compreendidas. Sentenças interrogativas afirmativas não

18 "... in particular, the imperative is almost always the morphologically least marked verb form, often identical to the verb stem." (DAHL, 1985)

19 Não pretendemos aqui esgotar as estruturas morfossintáticas do Karitiana, citamos apenas as mais recorrentes. Por exemplo, estamos deixando de lado as 'citações diretas' (STORTO, 2002) e as estruturas de foco de objeto (STORTO, 2003), entre outras.

possuem qualquer marca flexional de modo, mas seus verbos são marcados para pessoa e opcionalmente para tempo, como ilustrado em (43-44). Sentenças interrogativas expressam convencionalmente o ato de fala de perguntar/pedir informação. Entretanto, esse ato de fala não é marcado no complexo verbal na língua Karitiana.

(43) a-tat-Ø an<o> (hy)?
2.SG-ir-NFUT você<VE> INTER
'Você foi?' (LANDIN, 1984)

(44) Mõrãsõg an i-pa tÿja seppa?
why you 3-weave IMPF basket
'Why are you weaving a basket?'

Apenas orações matrizes são marcadas para pessoa, modo e tempo em Karitiana. Sentenças subordinadas não o são. Em (45) e (46), apresentamos dados de sentenças subordinadas.²⁰

(45) taso õwã mangat<a>-ty y-ta-pyting-Ø yn.
homem criança levantar<VE>-OBL 1.SG-DECL-querer-NFUT eu
'Eu quero que os homens carreguem as crianças.'

(46) São Paulo pip y-otam-byyk Ø-naka-pop-Ø Maria
São Paulo in 1.SG-chegar-PROSP 3-DECL-die-NFUT Maria
'Depois que cheguei em São Paulo, Maria morreu.' (STORTO, 2013, p. 76)

67

Sentenças negativas também não são abertamente marcadas seja para modo, seja para tempo. Mais ainda, esse tipo de sentença pode ocorrer com qualquer tipo de força ilocucional. Temos asserções negativas, como (47); ordens negativas, como em (48); perguntas negativas, como em (49); subordinadas negativas, como (50). Por exprimir diferentes tipos de forças ilocucionais, sentenças negativas não podem expressar um único ato de fala. Da mesma forma, não é possível considerá-las um único tipo sentencial.

(47) yn i-atik-i padn-i gopisop. DECLARATIVO
eu 3-jogar-NEG não-NEG lixo
'Eu não joguei o lixo.' (STORTO, 2002)

(48) a-tat-il IMPERATIVO
2.SG-ir-NEG
'Não vá!'

20 Há aqui, como veremos mais adiante, uma divergência entre as análises de Landin e de Everett com a análise de Storto (2002) para as interrogativas afirmativas.

Nesta seção, vimos que a língua Karitiana marca na segunda posição de seu complexo verbal pelo menos dois tipos de modo modal – deôntrico e contrafactual. Vimos também que os morfemas chamados de declarativo, assertivo e citativo por Storto (2002) expressam todos o modo ilocucional declarativo. Mais estudos são necessários para determinar as diferenças sintáticas e semânticas entre esses morfemas. À expressão do ato de fala de ordenar e de interrogar não corresponde, por outro lado, uma marca morfológica no verbo, mas sim uma estrutura sentencial. Outras estruturas sentenciais, como estruturas para sentenças negativas e subordinadas, não correspondem convencionalmente a atos de fala determinados.

5. Conclusões

Este artigo discutiu os morfemas da língua Karitiana classificados como modo por Storto (2002). Essa discussão foi feita a partir de duas definições da categoria *modo* nos estudos linguísticos e gramaticais: o *modo ilocacional*, que marca a força ilocacional de uma sentença, e o *modo modal*, que marca modalidade. Mostramos que se trata de duas categorias distintas e necessárias para a análise linguística. No caso da língua Karitiana, vimos que os morfemas deôntico e contrafactual marcam tipo de modalidade, sendo assim, modos modais. Já os morfemas classificados como declarativo, assertivo e citativo marcam força ilocacional declarativa, sendo, portanto, modos ilocucionais.

Referências

ALEXANDRE, Thiago Chaves. *Os evidenciais em Karitiana*. Dissertação (mestrado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016.

AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Second Edition. Oxford: Oxford University Press, 1975.

BYBEE, Joan. *Morphology: A Study of the Relation between Meaning and Form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

DAHL, Östen. *Tense and Aspect Systems*. Oxford: Blackwell, 1985.

FELIX, Lyvia. O modo em karitiana e em português. In: *Material de apoio ao estudo da gramática Karitiana*. São Paulo: Paulistana, p. 33-43, 2017.

FERREIRA, Luiz Fernando. *Modo em Karitiana*. Dissertação (mestrado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017a.

FERREIRA, Luiz Fernando. Karitiana: Uma língua com dupla marcação de modo. *Anais do X Congresso Internacional da ABRALIN*, Niterói, p. 272-282, 2017b.

FERREIRA, Luiz Fernando; MÜLLER, Ana. The relevance of future vs. non-future languages for the understanding of the role of tense in counterfactual sentences. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 1051-1099, 2019.

FOLEY, William; VAN VALIN, Robert. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

LANDIN, David. An outline of the syntactic structure of of Karitiana Sentences. In: DOOLEY, Robert. *Estudos sobre línguas Tupi do Brasil*. Brasília: p. 219-254, 1984.

MATTHEWSON, Lisa. On the methodology os semantic fieldwork. *International Journal of American linguistics*, 70, p. 369-415, 2004.

MÜLLER, Ana; STORTO, Luciana Raccanello; COUTINHO-SILVA, Thiago. Número e a distribuição contável-massivo em Karitiana. *Revista da ABRALIN*, v. 5, p. 185-213, 2006.

PALMER, Frank Robert. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PORTNER, Paul. Verbal Mood. In: MAIENBORN, Claudia; VON HEUSINGER, Klaus; PORTNER, Paul. *Semantics: An international handbook of natural language meaning*. Vol. 1. Berlin/Boston: de Gruyter Mouton, p. 1262-1291, 2011.

QUIRK, Randolph et all. *A comprehensive grammar of the English language*. London: GB: Longman, 1985.

SADOCK, Jerrold; ZWICKY, Arnold. Speech Acts Distinctions in Syntax. In: SHOPEN, Timothy. *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 155-196, 1985.

SAEED, John. *Semantics*. Third Edition. Malden: Wiley-Blackwell, 2009.

SANCHEZ-MENDES, Luciana. Trabalho de campo para análise linguística em semântica formal. *Revista Letras*, Curitiba, p. 277-293, 2014.

SEARLE, John. What is a speech act. In: STAINTON, Robert. *Perspectives in the philosophy of language: a concise anthology*, Ontario: Broaview Press, p. 253-268, 1965.

SEARLE, John. Austin on Locutionary and Illocutionary Acts. *The Philosophical Review*, v. 77, n. Duke University Press, p. 405-424, Outubro 1968.

STORTO, Luciana Raccanello. *Algumas Categorias Funcionais em Karitiana*. Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história. Brasília: Atas do I encontro Internacional de Grupos de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo I. p. 151-164. 2002.

STORTO, Luciana Raccanello. *Aspects of a Karitiana Grammar*. PhD. Dissertation. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1999.

70 STORTO, Luciana Raccanello. Temporal and aspectual Interpretations in non-finite clauses. In: _____ *Time and Tame in Language*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, p. 71-89. 2013.

VON FINTEL, Kai. Modality and language. In: BORCHERT, Donald. *Encyclopedia of Philosophy*. 2^a. ed. Detroit: MacMillan Reference USA, p. 1-16, 2006.

Sumissão em: 0/0/0

Aceito em: 0/0/0